



100 anos da Revolução Russa

**Assimilar os
fundamentos
do leninismo**



POR | Partido
Operário
Revolucionário

 **MASSAS**
EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIA

Índice

Apresentação	03
“Por onde começar?”	07
Assimilar os fundamentos do “Que Fazer?” de Lênin	
Combate ao revisionismo	13
Espontaneísmo e consciência de classe	17
Instinto revolucionário e socialismo científico	20
Luta econômica e luta política	23
Propaganda e agitação.....	26
Crítica ao terrorismo	29
Tribuna Popular	30
Partido centralizado	32
Revolucionário profissional	33
Caráter conspirativo do partido	36
Jornal como organizador coletivo	38
Resposta aos ataques dos populistas contra o partido	40
Constituir a vanguarda marxista no seio do proletariado	43
Partido é o programa	45
“O Estado dos operários e a semana do partido”	49

Apresentação

Com essa publicação, iniciamos nossa campanha em torno dos 100 anos da Revolução Russa. Os escritos foram publicados em partes no Jornal Massas. Mantivemos a referência tal como no original. Atribuímos títulos correspondentes aos temas centrais de cada síntese. Nosso objetivo não esteve vinculado à campanha dos 100 anos. Havíamos decidido expor periodicamente as contribuições de Lênin ao marxismo. Iniciamos, portanto, com as formulações que expressam a teoria do partido revolucionário.

Lênin foi o produto histórico da combinação de sua firmeza de caráter e clareza teórica com a ferrenha vontade de tornar o marxismo um guia para a prática revolucionária. Mais precisamente: encarnou as forças sociais e históricas que ganhavam expressão e projetavam a luta pela derrocada da velha sociedade russa.

Sua militância é o exemplo vivo do revolucionário profissional, aquele que se eleva e destaca na história como dirigente do proletariado mundial e grande estrategista. Suas qualidades pessoais foram inteiramente dedicadas aos processos históricos mais profundos das massas em luta.

Os textos se destacam pela perseverança de princípio e método marxistas, com os quais enfrentou todo tipo de desvio e revisionismo, que se manifestava no seio da socialdemocracia russa. Evidenciam a sua capacidade de estabelecer, na situação concreta e nas diferentes conjun-

turas, a linha política marxista voltada a projetar o proletariado na luta pelo poder.

O trabalho de Lênin não apenas permitiu consolidar a vanguarda revolucionária russa - forjando-a em um partido coeso e centralizado, ideológica, política e organizativamente -, como também elaborou a teoria marxista do partido. As sínteses que apresentamos neste folheto nos dá a dimensão de seu trabalho como teórico e organizador do bolchevismo. Como afirmou Trotsky, Lênin foi tanto um grande teórico quanto um destacado militante prático. Encarnou a unidade indissolúvel entre a teoria marxista e a prática revolucionária.

Nessa luta árdua, se encontra a chave com a qual o proletariado superou o espontaneísmo e o economicismo das velhas direções, bem como se constituiu em classe consciente e se elevou à tarefa histórica de conquistar o poder na Rússia e abrir caminho à constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Entre os vários aspectos da teoria leninista do partido, se destaca a luta fracional no seio da socialdemocracia russa entre mencheviques e bolcheviques. Destaca-se a justeza da luta travada por Lênin em que caracterizará o menchevismo de *“nova variante do oportunismo”*. E que mais tarde acabaria no campo da reação burguesa contra a revolução de Outubro. Nesse embate, ganhará relevância o trabalho de Lênin por dotar o partido de um claro programa. O que exigiu enfrentar o *“rebaixamento do nível teórico”* do partido, que se erguia em obstáculo à transformação do proletariado em força revolucionária consciente. Esse é conteúdo histórico e político da tese: *“Sem teoria revolucionária, não pode haver tampouco movimento revolucionário”*.

Na luta pela unificação das organizações socialdemocratas, sobre bases programáticas e guiada pela concepção marxista do partido, e mais à frente pela cisão, Lênin chegará à conclusão de que existiam posições diametralmente opostas, duas concepções distintas da revolução russa e do partido. De forma que tanto o *“economicismo”* e o *“espontaneísmo”*, como logo mais o menchevismo, se constituíam

em “um obstáculo intransponível à tarefa da vanguarda de resolver três problemas fundamentais”, que são: “caráter e conteúdo principal da agitação política; acerca das tarefas de organização e acerca de um plano para criar (...) uma organização combativa destinada a toda Rússia”.

A compreensão dessas tarefas porá Lênin diante da necessidade de “centralizar as forças da socialdemocracia sobre a base de um programa e de princípios organizativos”. Não por acaso, Lênin destaca em “Que Fazer?” a “criação de um jornal político para toda a Rússia”. Nele, assinala que a “agitação dispersa” devia se transformar em “agitação sistemática e geral”. O que exigia, evidentemente, um instrumento que centralizasse e organizasse coletivamente a militância socialdemocrata. Esse instrumento era o jornal nacional. Somente assim se poderia “realizar de maneira sistemática um trabalho de propaganda e agitação múltiplos, baseados em sólidos princípios, que em geral constituem a tarefa principal e permanente da socialdemocracia”.

O fundamental está em que a luta de Lênin por constituir um partido centralizado e voltado ao trabalho político em todos os aspectos e problemas da vida nacional exigia construir um instrumento capaz de centralizar teórica, programática, política, tática e organizativamente todos os núcleos revolucionários. Dotando-os de uma linha coletiva e de capacidade de ação centralizada e dirigida a objetivos comuns.

Um partido com essas características requeria, portanto, um “tipo especial” de revolucionário. Lênin desenvolve nesse sentido o conceito de “revolucionário profissional”, que reúne as qualidades do trabalho teórico, propagandístico, agitativo e organizador. O que exige uma “seleção rigorosa de seus membros”. Há, portanto, uma relação intrínseca entre a centralização organizativa, a disciplina política, a seleção dos integrantes e a constituição do “revolucionário profissional”, munido do método científico do trabalho político e prático no seio das massas.

São essas condições, de conjunto, que permitiram Lênin formar o partido como o fator consciente da revolução. Sob sua direção, o bolchevismo se edificou como “expressão

consciente do processo inconsciente da história” (Trotsky). Mas, só pôde sê-lo na medida em que forjou seu programa e penetrou no seio do proletariado e das massas oprimidas. Essa interdependência dialética está expressa na fórmula leninista - “A consciência socialista moderna pode surgir unicamente sobre a base de um profundo conhecimento científico” e “a consciência socialista é introduzida de fora na luta de classes do proletariado”. O partido torna-se, assim, o fator decisivo do processo histórico uma vez que encarna a teoria e o programa revolucionários.

Destacamos esses aspetos para frisar a importância de assimilar os fundamentos do leninismo, que não residem apenas em conhecer suas formulações, mas, fundamentalmente, em compreender o método marxista de construção do partido revolucionário. Esse é o conteúdo da luta de Lênin para formar a vanguarda revolucionária e combater as correntes adversárias da revolução proletária.

O POR vem se construindo sobre a base da teoria leninista do partido, evidentemente, expressando as características particulares do país e do proletariado brasileiro.

22 de fevereiro de 2017

Iniciamos no Jornal Massas 516, 20 de março de 2016, a exposição da teoria leninista do partido. Será apresentada na forma de síntese.

“Por onde começar?”

Em fevereiro de 1902, que corresponde ao nosso calendário a março, Lênin escreveu o folheto “Que Fazer?” (Problemas candentes de nosso movimento), que assentou uma teoria do partido marxista. Em seu prefácio, explica que se tratava do desenvolvimento das ideias expostas no artigo “Por onde começar?”, publicado no Iskra, nº 4, de maio de 1901. Pede desculpas “por ter cumprido tardiamente a promessa feita no respectivo artigo”. Justifica que se dedicou ao trabalho de unificação das organizações socialdemocratas no exterior. Esse intento poderia modificar o caráter do folheto “Que Fazer?”. O fracasso da tentativa comprovou que estava em posições diametralmente opostas duas concepções distintas da revolução e do partido. Lênin ainda esclarece que seu objetivo inicial não era o de recorrer à polêmica. O que não foi possível, uma vez que a corrente adversária, caracterizada pelo economicismo e pelo espontaneísmo, se levantava como um obstáculo intransponível à tarefa de resolver três problemas fundamentais: “acerca do caráter e conteúdo principal da agi-

tação política; acerca das tarefas de organização e acerca de um plano para criar (...) uma organização combativa destinada a toda Rússia”.

A Revolução Russa, que triunfou quinze anos depois, se encarregou de dar inteira razão aos fundamentos do “Que Fazer?”. Esse folheto, sem dúvida, constitui um dos pilares do leninismo. Todo marxista deve estudá-lo a fundo, como guia para a construção do partido revolucionário. O próprio Lênin, posteriormente, aconselhou a considerar “Que Fazer?” na situação particular de construção da socialdemocracia russa. Um cuidado de um cérebro cuja alta teoria sempre esteve solidamente calcada na prática para que a construção do partido marxista em outras latitudes em situações distintas do desenvolvimento da luta de classes não fosse tomado mecanicamente. Essa recomendação deve ser cuidadosamente levada em consideração. No entanto, “Que Fazer?” expressa uma teoria geral do partido. Trata-se de assimilá-la e aplicá-la de acordo com as particularidades do desenvolvimento do proletariado em cada país, conforme o conselho de Lênin.

Como se refere à importância do artigo “Por onde começar?”, antes de expor os aspectos fundamentais da teoria leninista do partido, recorreremos ao seu embrião, que é “Por onde começar”.

O artigo se inicia precisamente com a pergunta “que fazer?”. A socialdemocracia russa já havia percorrido um caminho desde o final da década de 80 a princípios de 90. Lênin supunha que se tratava de tomar medidas práticas para tornar a socialdemocracia um partido proletário capaz de dirigir os explorados em toda a Rússia. Entendia que estava diante de um “problema de caráter e dos métodos de luta – fundamental para um partido prático”. Notamos, porém, em “Que Fazer”, que Lênin teve de revelar em toda extensão uma divergência de concepção para iluminar a prática, que apenas havia esboçado no “Por onde começar?”. Ou seja, os obstáculos que os adversários entrincheirados no *RabócheieDiel* colocavam à organização do partido se deviam à concepção economicista e esponta-

neísta, que seria analisada e criticada posteriormente.

No entanto, Lênin já a identifica de forma geral no texto “Por onde começar?”. Reconhece que no fundo estavam presentes “sérias divergências”, que impediam à socialdemocracia dar passos práticos à frente. Eis: *“Por um lado, está ainda muito longe de ter morrido a tendência ‘econômica’, que procura restringir e reduzir ao mínimo o trabalho de agitação e organização políticas. Por outro, a tendência do ecletismo sem princípios continua levantando orgulhosamente a cabeça, adaptando-se a cada nova ‘corrente’, sem saber distinguir as necessidades constantes do movimento em seu conjunto das exigências do movimento e das tarefas fundamentais”.*

Lênin evita nesse momento travar uma luta teórica com os adversários, que mais tarde se definiriam como mencheviques. Observamos que tinha claro que as divergências não se limitavam a uma apreciação das circunstâncias políticas e da tática a ser aplicada. Respondeu à RabócheieDielo: *“Para mudar de tática, há que se começar por ter uma tática, e se não existe uma organização forte, provada na luta política, em todas as circunstâncias e em todos os períodos, não é possível nem mesmo se falar de um plano de atividade sistemática, elaborado à base de princípios firmes e aplicado com perseverança, que é o único plano que merece o nome de tática”.*

Lênin se vê obrigado a rechaçar o radicalismo inconsequente dos economicistas e espontaneístas que pretendiam levar a socialdemocracia a ações terroristas. Explica: *“Em princípio, nunca renunciamos e nem podemos renunciar ao terror. O terror é uma das formas da ação militar que pode ser perfeitamente aplicável, e até indispensável, em um momento dado do combate, em um determinado estado das forças e em determinadas condições. Mas o problema reside, precisamente, em que agora o terror não se coloca como uma das operações de um exército em ação, como uma operação estreitamente ligada a todo sistema de luta e coordenada com ele, mas sim como um meio de ataque individual, independente e isolado de todo o exército”.*

Nota-se que aqueles que combatiam a tarefa assinalada por Lênin de constituir o partido revolucionário como “um estado maior de dirigentes e organizadores” pretendiam arrastar a vanguarda para ações terroristas isoladas e à margem do desenvolvimento político e organizativo do proletariado. Em contraposição a esse desatino pequeno burguês, “Por onde começar?” conclui: *“A tarefa imediata de nosso partido não deve ser a de convocar para o ataque, agora mesmo, todas as forças com que contamos, mas convocá-las a constituir uma organização revolucionária capaz de unificar todas as forças e de dirigir o movimento não só em palavras, mas nos fatos, isto é, que esteja pronta para apoiar todo protesto e toda explosão, aproveitando-as para multiplicar e fortalecer os efetivos que serão utilizados para o combate decisivo”.*

A partir daí, Lênin apresentará um esboço das principais tarefas e anuncia que desenvolverá seu conteúdo em um folheto, como de fato o fez e que levará o título da pergunta “que fazer?”, do artigo “Por onde começar”.

A socialdemocracia ainda não havia se constituído, de fato, em um partido. Organizava-se por meio de círculos isolados. O Plano partia dessa realidade. Tratava-se de centralizar as forças da socialdemocracia sobre a base de um programa e de princípios organizativos. Não por acaso, Lênin começa por defender a “criação de um jornal político para toda a Rússia”. A “agitação dispersa” deveria se transformar em “agitação sistemática e geral”. Para isso, era preciso um centralizador e organizador coletivo, que seria uma imprensa revolucionária capaz de “realizar de maneira sistemática um trabalho de propaganda e agitação múltiplo, baseada em sólidos princípios, que em geral constitui a tarefa principal e permanente da socialdemocracia, e que é particularmente vital nos momentos atuais, quando o interesse pela política, pelos problemas do socialismo, tem despertado nas mais amplas camadas da população”.

A socialdemocracia tinha conseguido um grande feito que era ter “despertado na classe operária a paixão por denunciar as arbitrariedades nas fábricas, as arbitrariedades de ordem

econômica”. No entanto, mantinha-se como movimentos locais e dispersos. O passo a ser dado era o de centralizar as forças para impulsionar a luta consciente, socialista. A primeira medida correspondia precisamente a criação do jornal, que expressasse uma única linha revolucionária. Lênin teve a clareza de reconhecer que não era possível constituir uma direção, que fosse o estado-maior da revolução, no momento ainda se tratava da revolução democrática, sem que houvesse um claro vínculo entre a luta pelas reivindicações mais elementares com o objetivo da tomada do poder. O jornal centralizador cumpria essa tarefa, sem desprezar todas as outras formas de propaganda e agitação.

Para concluir, citaremos uma passagem que contém a concepção leninista do partido.

“O papel do jornal não se limita, no entanto, a divulgar ideias, a educar politicamente e a ganhar aliados políticos. O jornal é não apenas um propagandista e um agitador coletivo, mas também um organizador coletivo. Neste último sentido, pode comparar-se a um andaime levantado em um edifício em construção, que marca seus contornos, facilita o contato entre os diversos grupos de operários, ajuda-lhes a distribuir as tarefas e a ver o resultado final, obtido graças a um trabalho organizado. Com a ajuda do jornal e em relação com ele, se irá formando por si mesma a organização permanente, que se encarrega não só do trabalho local, mas também do trabalho geral e regular, que acostume seus membros a acompanhar atentamente os acontecimentos políticos, a valorizar a sua significação e sua influência sobre os diversos setores da população, a elaborar os métodos adequados que permitam o partido revolucionário influir sobre esses acontecimentos. Basta a tarefa técnica de assegurar a alimentação dos materiais para o jornal e sua devida divulgação para obrigar a criar uma rede de militantes locais de um partido único, que manterão entre si um contato vivo, que conhecerão o estado geral da situação, que acostumarão a exercer regularmente funções parciais dentro do trabalho geral de toda a Rússia, que irão provando suas forças na organização de diversas ações revolucionárias”.

Evidentemente, Lênin já tinha claro a essência da luta programática e da concepção do partido, que irá ser desenvolvida, poucos meses depois, em “Que Fazer?”. É sintomático que ao anunciar um plano para transformar a socialdemocracia dispersa em um partido centralizado, o revolucionário russo tivesse dado primordialmente atenção à constituição de um jornal que seria não apenas um propagandista e agitador coletivo como também um organizador coletivo das fileiras do partido. É a essência dessa concepção que todo militante que dedica sua vida à luta revolucionária deve assimilar profundamente e colocar em prática.

Assimilar os fundamentos do “Que Fazer?”

Combate ao revisionismo

No Jornal Massas 516, publicamos uma matéria intitulada “A Importância do Artigo ‘Por onde Começar’”, escrito em maio de 1901, por Lênin. As formulações contidas no “Por onde Começar” valem por si mesmas. No entanto, recorreremos a esse escrito de Lênin, por ter sido o precursor do folheto “Que Fazer? (Problemas candentes de nosso movimento)”. Indicamos que daríamos continuidade neste número do Massas.

O folheto “Que Fazer?”, na realidade, é um extenso livro. Trata de vários aspectos da teoria marxista do partido. De forma que procuraremos expor suas teses fundamentais em uma sequência de artigos.

O próprio Lênin, anos mais tarde, recomendava estudar essa obra de acordo com as condições do movimento operário e do processo revolucionário na Rússia. Tinha claro que a formação e desenvolvimento do partido do proletariado em cada país percorrem um caminho, cujas determinações históricas expressam particularidades.

Um aspecto do “Que Fazer?” que indica uma discussão

singular na formação da socialdemocracia russa se encontra logo no início do primeiro capítulo, nomeado Dogmatismo e “Liberdade de Crítica”. Devido à singularidade, poderíamos deixar de lado. No entanto, não há singularidade no pensamento de Lênin que não seja manifestações de leis gerais. Como rigoroso marxista, todo seu pensamento está marcado por situações objetivas, concretas, que em seu processo de realização permitem evidenciar os fundamentos gerais, portanto, teóricos. Os adversários de Lênin, na realidade, da fração marxista que este encabeçava, levantavam a bandeira de “Liberdade de Crítica” e contra um suposto dogmatismo. Está aí por que “O Que Fazer?” começa por esta questão.

Era necessário demonstrar que os socialdemocratas, encastelados na publicação Rabócheie Dielo e aglutinados na fração “União de Socialdemocratas Russos”, que, como a fração de Lênin, constituiu-se no exterior, representavam o revisionismo do marxismo, em cuja base se encontrava o reformismo de Eduard Bernstein. Para eles, a defesa e a aplicação do marxismo como ciência do proletariado não passavam de estreito dogmatismo. Lênin vai demonstrar que a fração que resistia a transformar a dispersa socialdemocracia russa em um partido programático, centralizado e orientado por um jornal nacional reproduzia na Rússia, a seu modo, as posições do Bernstein de que era preciso ter “uma atitude crítica” diante do marxismo envelhecido, dogmático”. Sob a bandeira da “liberdade de crítica”, os revisionistas dissolviam a doutrina socialista de Marx e Engels em generalidades e ecletismo. Essa atitude política dos partidários da “União de Socialdemocratas Russos” acobertava a negação do marxismo e o seu conteúdo de classe pequeno-burguês.

Lênin faz uma síntese das revisões, defendidas sob a bandeira de “liberdade de crítica e de luta contra o dogmatismo”. Eis: “A socialdemocracia deve se transformar, de partido da revolução social, em um partido democrático de reformas sociais. Bernstein apoiou essa reivindicação política com uma bateria de `novos` argumentos e considerações bastante harmoniosamente concatenados. Negou-

se a possibilidade de fundamentar cientificamente o socialismo e de demonstrar, do ponto de vista da concepção materialista da história, sua necessidade e inevitabilidade; negou-se o fato da miséria crescente, da proletarização e da exacerbação das contradições capitalistas; declarou-se inconsistente o próprio conceito do ‘objetivo final’ e rechaçou-se absolutamente a ideia da ditadura do proletariado; negou-se o antagonismo de princípios entre o liberalismo e o socialismo; negou-se a teoria da luta de classes, advogando que não é aplicável a uma sociedade estritamente democrática, governada conforme a vontade da maioria, etc.”

A posterior cisão entre bolcheviques e mencheviques demonstrará que Lênin estava com a razão em caracterizar que a socialdemocracia estava diante de “uma nova variante do oportunismo”. Mascarava-se com a bandeira de “liberdade de crítica” para defender posições antimarxistas. Ou seja, nas palavras de Lênin “a liberdade de introduzir no socialismo ideias burguesas e elementos burgueses”.

Em resposta à posição de tornar a socialdemocracia um partido democrático de reformas e inconsistente, Lênin fez uma de suas primeiras formulações sobre o partido como vanguarda revolucionária do proletariado. É o que depreendemos da seguinte passagem inicial do “Que Fazer?”: “Marchamos em um pequeno grupo unido por um caminho acidentado e difícil, fortemente tomado pelas mãos. Estamos rodeados de inimigos por todos os lados e temos de marchar quase sempre sob seu fogo. Unimo-nos em virtude de uma decisão livremente assumida, precisamente para lutar contra os inimigos e não cair, tropeçando, no pântano vizinho, cujos moradores nos reprovam por termos nos separado em um grupo distinto e por escolhermos o caminho da luta e não o da conciliação”.

O “vizinho” utilizado por Lênin de forma figurativa correspondia à fração socialdemocrata internacional que renegou o marxismo e se pôs a formular críticas contra a ortodoxia e doutrinário em defesa de teses reformistas. Na socialdemocracia russa essa tendência revisionista se manifestou historicamente como “marxistas legais”, que predicavam “a teoria da atenuação das contradições so-

ciais, proclamando que é absurda a ideia da revolução social e da ditadura do proletariado, reduzindo o movimento operário e a luta de classe a um sindicalismo estreito e à luta ‘realista’ por pequenas e graduais reformas”. Tratava-se do economicismo, cuja orientação encarregava a classe operária da luta estritamente econômica e a intelectualidade de se juntar com os liberais para a luta política.

O enorme esforço de Lênin por desenvolver a teoria marxista nas condições concretas da luta de classes internacional e na Rússia era rechaçado pelos economicistas, que encarnavam o ecletismo e a ausência de princípios. Lênin, ao contrário, combatia o “rebaixamento do nível teórico”. Demonstrava que o baixo desenvolvimento teórico da socialdemocracia russa era um grande obstáculo para transformar o proletariado em força revolucionária consciente. A socialdemocracia estava no início de sua formação, não havia “ajustado suas contas com as outras tendências do pensamento revolucionário”. Por ser internacionalista, tinha de assimilar as experiências de outros países. Essa tarefa não podia ser cumprida apenas copiando tais experiências. Era preciso “assumir uma atitude crítica diante da experiência e comprová-la por si próprio”. O que exigia a elevação teórica.

Lênin recorre aos ensinamentos de Engels sobre a importância decisiva da teoria revolucionária. Eis a conclusão de Lênin: “Sem teoria revolucionária, não pode haver tampouco movimento revolucionário. Nunca será demais insistir sobre esta ideia, em um momento em que a prêdica em voga do oportunismo acompanha uma paixão pelas formas mais estreitas da atividade prática” (...) “Por enquanto não pretendemos senão indicar que somente um partido dirigido por uma teoria de vanguarda pode cumprir a missão de combate de vanguarda”. Lênin não fazia senão defender e desenvolver o fundamento do socialismo científico da unidade entre a teoria e a prática.

Concluimos essa parte do estudo do “Que Fazer?” com a previsão que fecha o primeiro capítulo. “A história coloca-nos hoje uma tarefa imediata que é a mais revolucionária de todas as tarefas imediatas do proletariado de nenhum

outro país. A realização dessa tarefa, a demolição do mais poderoso baluarte, não já da reação europeia, mas também (podemos dizê-lo hoje) da reação asiática, transformaria o proletariado russo na vanguarda do proletariado revolucionário internacional”.

O fato de a fração leninista ter derrotado a fração revisionista permitiu que o bolchevismo dirigisse a revolução de outubro de 1917 e projetasse a classe operária russa na mais elevada expressão do internacionalismo.

Esponaneismo e consciência de classe

No Jornal Massas 517, publicamos a segunda parte da exposição dos principais fundamentos da teoria do partido marxista, elaborada por Lênin na obra “Que Fazer?”. Trataremos, agora, no Massas 521, da relação entre a luta espontânea dos explorados e a consciência de classe. Lênin intitulou o segundo capítulo do livro “Que Fazer?”: “A espontaneidade das massas e a consciência da socialdemocracia”. É preciso esclarecer que o termo socialdemocracia correspondia ao momento em que Lênin lutava para que esta se constituísse em partido revolucionário, o “Que Fazer?” esteve na base desta luta nos primeiros anos do século XX. Mais tarde, a socialdemocracia russa se dividirá em duas correntes, a dos bolcheviques (maioria) e a dos mencheviques (minoría). O partido revolucionário se identificará como bolchevismo. O termo socialdemocracia não apenas ficou para trás como passou a ser considerado como partido reformista.

Os adversários das posições de Lênin, organizados em torno da publicação Rabócheie Dielo, acusavam-no de “subestimar a importância do elemento objetivo ou espontâneo do desenvolvimento”. Na realidade, essa caracterização não apenas era incorreta como ocultava divergências de princípio. Era evidente que a classe operária e demais oprimidos se lançassem à luta premidos pelas necessidades básicas e sem que dependessem para isso de ter alcançado uma consciência de classe, revolucionária. Esta constatação era amplamente conhecida e estudada pelo

marxismo. O problema, portanto, não era o de reconhecer ou “subestimar” a importância das ações espontâneas, mas sim o de entender a relação entre estas e a consciência de classe.

Lênin recorre à história das greves e motins na Rússia desde os anos de 1860 a 1890 para demonstrar que o movimento espontâneo dos explorados “não é senão a forma embrionária da consciência”. A resistência coletiva à exploração e à opressão traziam em suas entranhas as bases objetivas da consciência de que se estava enfrentando um poder ilimitado dos exploradores. Os motins contra o domínio da servidão já indicavam lampejos de consciência. Mas sua principal característica era a da revolta espontânea por desespero e vingança. As greves dos anos 90, por sua vez, se distinguiam justamente por abrigar traços da consciência de classe, típicos do proletariado. Em resumo: “Se os motins eram simplesmente levantes de oprimidos, as greves sistemáticas expressavam já embriões da luta de classes, mas precisamente apenas embriões”. Tratava-se de uma consciência sindical: “(...) os operários não tinham, nem podiam ter a consciência do antagonismo irreconciliável entre seus interesses e de todo o regime político e social contemporâneo, isto é, não tinham consciência socialdemocrata”. Nota-se que a “consciência socialdemocrata” significava consciência partidária. A evolução dos motins para as greves implicava avanço na consciência da luta coletiva, portanto, sindical. Mudavam-se as formas e os métodos da revolta espontânea e, com isso, gestava-se o embrião da consciência revolucionária.

Lênin observa que essa consciência é gerada na mecânica interna da luta de classes e que por si só o embrião da consciência sindical não tem como se transformar em consciência partidária, ou mais precisamente, em consciência socialista. Esse é o grande problema da revolução. A transformação da consciência gestada nas lutas espontâneas depende da ação do partido revolucionário. No caso, trata-se do partido marxista, cujo objetivo histórico é o de transformar o capitalismo em socialismo e este em comunismo, como fase superior da sociedade sem classes.

No processo espontâneo da luta de classes se forma uma consciência da importância da ação coletiva, do uso e do planejamento da greve, do método da ação direta, mas não se forma a consciência socialista, que é o programa e a teoria da revolução social. Neste ponto, Lênin horrorizará os espontaneístas, que no fundo são reformistas, demonstrando que a consciência partidária, socialista, somente pode “ser introduzida de fora” do movimento dos explorados.

Transcrevemos a formulação leninista: “A história de todos os países testemunha que a classe operária, exclusivamente com suas próprias forças, somente está em condições de elaborar uma consciência tradeunista (sindicalista), isto é, a convicção de que é necessário reunir-se em sindicatos, lutar contra os patrões, exigir do governo a promulgação de tais ou quais leis necessárias para os operários, etc. Diferentemente, a doutrina do socialismo surgiu das teorias filosóficas, históricas e econômicas que foram elaboradas por representantes instruídos das classes possuidoras, pelos intelectuais. Por sua posição social, também os fundadores do socialismo científico contemporâneo, Marx e Engels, pertenciam à intelectualidade burguesa. Exatamente, do mesmo modo, a doutrina teórica da socialdemocracia surgiu na Rússia independentemente em absoluto do crescimento espontâneo do movimento operário, surgiu como resultado natural inevitável do desenvolvimento do pensamento entre os intelectuais revolucionários socialistas. Até a época de que tratamos, isto é, meados da última década do século passado, essa doutrina não somente constituía já um programa completamente formado pelo grupo “Emancipação do Trabalho”, mas também, inclusive, chegou a conquistar a maioria da juventude revolucionária da Rússia”. “(...) De modo que existiam tanto o despertar espontâneo das massas operárias, o despertar da vida consciente e da luta consciente, como uma juventude revolucionária que, armada da teoria socialdemocrata tendia com todas suas forças para os operários. Além disso, é importante, sobretudo, deixar claro, o que é frequentemente esquecido (e relativamente pouco conhecido), que os primeiros socialdemocratas deste pe-

ríodo, ao se lançarem com o ardor da agitação econômica (...), longe de considerá-la como sua única tarefa, pelo contrário, desde o começo assinalavam as mais amplas tarefas históricas da socialdemocracia russa, em geral, e a da derrubar a autocracia, em particular”.

Entre essa juventude estava o próprio Lênin e outros revolucionários que travarão a luta no seio da socialdemocracia para transformá-la em um partido capaz de vincular o programa e a teoria marxista com as tendências instintivas de luta do proletariado e assim transformar o embrião da consciência de classe em consciência socialista.

Instinto revolucionário e socialismo científico

No Massas 522, dando sequência à apresentação dos principais fundamentos sobre a concepção leninista do partido, desenvolvidos no livro “Que Fazer?”, tratamos no jornal Massas 521 da relação entre a espontaneidade das lutas operárias e a consciência socialista. Vimos como Lênin reconheceu a importância das greves como ponto de partida para que os operários compreendessem o “antagonismo irreconciliável entre seus interesses e de todo o regime político social contemporâneo”. Ponto de partida significa que é necessário o fator consciente, que se expressa por meio do trabalho partidário no seio do proletariado e das massas em geral. Segundo Lênin, a luta espontânea não gera a consciência socialista, mas constitui o seu embrião. O socialismo científico, edificado por Marx e Engels, não nasce diretamente das revoltas espontâneas, mas “necessariamente se materializa desenvolvendo a consciência revolucionária embrionária que se gesta na luta de classes”.

Lênin concorda e se apoia nas formulações de Karl Kautsky quando este combate as tentativas dos revisionistas de atribuir a Marx a ideia de que o desenvolvimento econômico e a luta de classes engendram diretamente a consciência da necessidade do socialismo. Segundo Kautsky, “o socialismo e a luta de classes surgem paralelamente e não se deriva um do outro; surgem de premissas distintas. A consciência socialista moderna pode surgir unicamente sobre a base de um profundo conhecimento científico”.

E completa: “a ciência econômica contemporânea constitui uma premissa da produção socialista, assim como, no caso, a técnica moderna, e o proletariado, por mais que o deseje, não pode criar nenhuma nem outra; ambas surgem do processo social contemporâneo”. Kautsky constata que a ciência do proletariado não nasce dele mesmo, mas sim da “intelectualidade burguesa” – “é do cérebro de alguns membros isolados desta camada que surgiu o socialismo moderno, e foram eles que transmitiram aos operários destacados pelo seu desenvolvimento intelectual, os quais o introduziram imediatamente na luta de classes do proletariado, ali onde as condições o permitiam”.

A conclusão de que “a consciência socialista é introduzida de fora na luta de classes do proletariado” indica que o partido é o fator decisivo, uma vez que é por meio dele que se expressa a teoria e o programa revolucionários.

O embate de Lênin com os espontaneístas que o acusavam de “subestimar a importância do elemento objetivo” tinha no centro da divergência a concepção de partido. A crítica do revolucionário russo de que “o desenvolvimento espontâneo do movimento operário caminha precisamente para sua subordinação à ideologia burguesa” consistia em que o proletariado sem o seu partido inevitavelmente seguiria a política burguesa. Cabia aos marxistas combater a teoria reacionária de que a ação espontânea gera a consciência socialista. Combate esse necessário para construir o partido no seio do proletariado. Lênin explica que o movimento espontâneo conduz à supremacia da ideologia burguesa porque “é mais antiga por sua origem que a ideologia socialista, porque sua elaboração é mais completa e porque possui meios de divulgação incomparavelmente mais poderosos”.

Nesse ponto do “Que Fazer?”, nos deparamos com a preciosa conclusão: “quanto mais jovem é o movimento socialista em um país, tanto mais enérgica deve ser, portanto, a luta contra toda tentativa de afiançar a ideologia não socialista, tanto mais firme devem se colocar em guarda os operários contra os maus conselheiros, que gritam contra ‘o exagero do elemento consciente’”.

Ao invés de apenas se reconhecer a existência do ins-

tinto revolucionário do proletariado, é preciso ter clara a tarefa de transformá-lo em consciência, portanto, em luta contra o capitalismo e pelo socialismo. O instinto em si mesmo é a revolta inconsciente dos explorados. Assim, Lênin observava que na Rússia a constituição de um vigoroso movimento operário determinava a tarefa de organizar um poderoso partido revolucionário. Demonstrava que havia duas maneiras de enfrentar o novo momento da luta de classes: “ou bem no sentido do culto da espontaneidade desse movimento, isto é, reduzindo o papel da socialdemocracia ao de simples servidor do movimento operário como tal; ou bem no sentido de que o movimento das massas coloca diante de nós novas tarefas, teóricas, políticas e de organização, muito mais complexas que as tarefas com que podíamos nos contentar no período que antecedeu à aparição do movimento de massas”.

A formação dos marxistas russos no final do século XIX se deu nas condições em que a classe operária e o movimento de massas ainda não exigiam uma clara e precisa concepção de partido e a definição das tarefas. A mudança desse quadro, no início do século XX, abalou a socialdemocracia. Os revolucionários se viram obrigados a clarear a questão do partido e determinar as tarefas. O que expôs a profunda divergência entre os espontaneístas e os marxistas. Os opositores da concepção leninista mostraram na prática que o espontaneísmo se converte em uma “tendência do oportunismo”.

Eis a síntese de Lênin: “Estamos convencidos, portanto, de que o erro fundamental da ‘nova tendência’ no seio da socialdemocracia russa consiste em cultivar a espontaneidade, em não compreender que a espontaneidade das massas nos exige uma elevada consciência. Quanto mais poderoso é o auge espontâneo das massas, quanto mais amplo se torna o movimento, tanto mais incomparável é a rapidez com que cresce a necessidade de uma elevada consciência, tanto no trabalho teórico da socialdemocracia, como no político e na organização. A ascensão do movimento espontâneo das massas na Rússia tem sido tão rápida que a jovem socialdemocracia se mostra pouco pre-

parada para cumprir essas gigantescas tarefas. Esta falta de preparação é nossa desgraça comum, a desgraça de todos os socialdemocratas russos. O auge das massas produziu e se estendeu de maneira ininterrupta e contínua, não só não terminou onde começou, como também se estendeu a novas localidades e novas camadas da população (sob a influência do movimento operário, reanimou-se a efervescência entre a juventude estudantil, entre os intelectuais em geral e até entre os camponeses). Mas os revolucionários permaneceram atrasados neste movimento ascendente, tanto em suas teorias, como em sua atividade, não conseguindo criar uma organização permanente que funcione sem a quebra de continuidade, capaz de dirigir todo o movimento”.

A constatação de Lênin de que as massas em luta estavam à frente da socialdemocracia demonstra a profunda compreensão do lugar dirigente que ocupa a vanguarda revolucionária.

Luta econômica e luta política

No Jornal Massas 522, expusemos a explicação de Lênin sobre a relação entre a luta espontânea da classe operária e a consciência de classe. Trata-se de um problema fundamental do lugar do partido revolucionário em transformar a luta instintiva dos explorados em consciência socialista. Nesse sentido, é necessário combater as posições do economicismo e do espontaneísmo reformistas. Resumiremos, neste número, Massas 523, a fundamentação de Lênin sobre a agitação política.

Lênin relata a importância das denúncias sobre as condições de vida da classe operária amplamente realizadas pelos círculos socialdemocratas. Refere-se ao entusiasmo dos operários diante desse trabalho de agitação econômica e de revelação da brutal opressão suportada pelos explorados. Os panfletos de denúncia e de reivindicações econômicas são caracterizados por Lênin como “forma embrionária de guerra contra toda ordem social moderna, baseada no saque e na opressão”. Esse tipo de agitação consiste na “autodefesa dos operários”.

Os socialdemocratas russos dedicavam-se quase que exclusivamente ao trabalho de denúncia nas fábricas. Lênin mostra que tal absorção indicava uma limitada compreensão da ação partidária, explicando que “essa atividade por si só não era ainda, no fundo, socialdemocrata, mas tão somente tradeunionista” (sindicalista). Não ia além da defesa da força de trabalho entregue aos capitalistas como mercadoria. De fato, consistia apenas em “ponto de partida” e que por isso, não podia ser um fim em si mesma, com pena de se ater “à luta exclusivamente sindical”.

Lênin demonstra que o vasto trabalho de agitação econômica realizada pela militância poderia se perder caso o partido não superasse o economicismo. A questão era de reorientar a ação partidária no seio do proletariado. Para isso, era imprescindível compreender e ter consciência da relação entre a luta econômica e a luta política. Era necessário promover a agitação política, da mesma forma como se faz a agitação contra a opressão econômica. Eis um dos pontos que expressa a nova orientação defendida por Lênin: “A socialdemocracia dirige a luta da classe operária não apenas para obter condições vantajosas da venda da força de trabalho, mas para destruir o regime social que obriga os despossuídos a vender sua força de trabalho aos ricos. A socialdemocracia representa a classe operária não somente em sua relação com um grupo determinado de patrões, mas em suas relações com todas as classes da sociedade contemporânea, com o Estado como força política organizada. Compreende-se, portanto, que os socialdemocratas não apenas não podem ater-se à luta econômica, nem sequer podem admitir que a organização das denúncias econômicas constitua sua atividade predominante. Devemos empreender ativamente o trabalho de educação política da classe operária, do desenvolvimento de sua consciência política”.

A fração da socialdemocracia que se opunha às posições de Lênin ludibriava com o argumento de que todos estavam de acordo quanto à necessidade de desenvolver a consciência política em todos os seus aspectos. E de-

fendia que “a tarefa de imprimir à luta econômica mesma naquilo que fosse possível, um caráter político”. De forma que “a agitação política deve seguir à econômica”. Lênin refuta essa tese. Considera incorreta a posição de que a luta econômica, em geral, seja o meio mais amplamente aplicável para incorporar as massas na luta política. Dá o exemplo de luta política que decorre das “manifestações da opressão policial e dos desmandos da autocracia”. Mostra que os castigos corporais sofridos pelos camponeses, a perseguição da polícia à plebe das cidades e a disciplina opressiva imposta aos soldados são igualmente motivos para a agitação política, apesar de não estarem diretamente ligados à luta econômica. Em resumo: “na soma total dos casos cotidianos em que o operário sofre (ele mesmo e as pessoas próximas dele) falta de direitos, arbitrariedade e violência, é indubitável que só constituem uma pequena parte dos casos de opressão policial precisamente no terreno da luta sindical”. Estava colocado, portanto, superar a estreiteza da agitação política quase exclusivamente no terreno econômico.

A ideia economicista de “imprimir à luta econômica mesma um caráter político” implicava tão somente a melhoria das condições de trabalho por meio de “medidas legislativas e administrativas”. Era o que faziam os sindicatos operários. Lênin retruca: “Assim, portanto, a frase pomposa de ‘imprimir à luta econômica mesma um caráter político’, ‘terrivelmente’ profunda e revolucionária, oculta, no fundo, a tradicional tendência de rebaixar a política socialdemocrata ao nível da política tradeunionista!”

Nota-se que no seio da socialdemocracia desenvolviam-se duas tendências: a revolucionária e a reformista. O reformismo utilizava-se da retórica de “imprimir à luta econômica mesma um caráter político”. Por trás dessa sutileza, ocultava-se uma grosseira política de adaptação ao capitalismo, em desenvolvimento da Rússia. Tomemos a última citação: “A socialdemocracia revolucionária sempre incluiu e continua incluindo na órbita de suas atividades a luta pelas reformas. Mas utiliza a agitação ‘econômica’ não apenas para exigir do governo todo tipo de medidas,

mas também (e em primeiro lugar) para exigir que deixe de ser um governo autocrático. Além disso, considera seu dever apresentar ao governo esta exigência não só no terreno da luta econômica, como também no terreno de todas as manifestações em geral da vida social e política. Em uma palavra, como a relação da parte no todo, a luta revolucionária pela liberdade e pelo socialismo subordina a luta pelas reformas”.

Nesta áspera divergência sobre como travar a luta política entre a tendência economicista e a marxista, nos deparamos com os perigos interpostos pelos reformistas na luta do proletariado contra a burguesia, o Estado e seu regime econômico. Mais tarde, essa tendência se transformará em uma fração que romperá a socialdemocracia russa (mencheviques), concluirá defendendo a burguesia e passará para o lado da reação na Revolução Russa de outubro de 1917. Os reformistas os revisionistas e os oportunistas são os maiores inimigos do marxismo.

Propaganda e agitação

No Jornal Massas 523, expusemos a crítica de Lênin à tendência economicista e reformista que se manifestava no seio da socialdemocracia russa em torno da questão da agitação e da luta política. Neste ponto, foi analisada e rechaçada a tese economicista, espontaneísta, que afirmava que a tarefa da socialdemocracia era a de “imprimir à luta econômica um caráter político”. Damos continuidade, no Massas 524, a essa discussão.

Lênin explica que a socialdemocracia revolucionária sempre lutou por reformas. No entanto, não como objetivo em si mesmo. A agitação pelas reivindicações imediatas, que levam as massas se colocarem em ação, serve de ponto de partida para colocá-las em choque com o “governo autocrático”. Tais reivindicações não devem se limitar à luta econômica, mas responder a tudo que diz respeito à vida social e política. Reduzir as reformas às reivindicações econômicas significa estreitar o caminho da luta operária e submetê-la ao regime vigente. Eis a conclusão de Lênin: “Em uma palavra, como a parte ao todo, a luta pelas re-

formas subordina-se à luta revolucionária pela liberdade e pelo socialismo”. Para o marxismo, a luta por reformas está condicionada à estratégia política, programática. Eis por que a cada instante da agitação pelas reivindicações imediatas e por reformas, os revolucionários trabalham no seio das massas pelo objetivo geral.

Lênin estava de acordo com a diferenciação que seus adversários faziam entre propaganda e agitação. A propaganda apresenta muitas ideias que como tal são assimiladas no momento em que são realizadas por um número relativamente pequeno de pessoas, daí a importância da divulgação de materiais como folhetos, revistas, declarações, etc. Distintamente, a agitação se concentra em transmitir uma só ideia, que corresponde a um acontecimento, a um fato concreto, alcançando um grande número de pessoas. A diferenciação entre propaganda e agitação, formulada anteriormente por Gueorgui Plekhanov, era utilizada pelos economicistas para acusar o jornal *Iskra*, dirigido por Lênin, de colocar em segundo plano as tarefas de agitação. Segundo eles, o *Iskra* se negava a lutar por “resultados tangíveis”. Ou seja, o *Iskra* acentuava a propaganda em detrimento da agitação. Vejamos a resposta de Lênin: “Nossos economicistas, entre eles Robócheie Dielo, tiveram êxito por terem se adaptado à mentalidade dos operários atrasados. Mas o operário socialdemocrata, o operário revolucionário (número que aumenta dia a dia) rechaçará com indignação todos estes raciocínios sobre a luta por reivindicações que ‘prometem resultados tangíveis’, etc., pois compreenderá que não são senão variantes da velha canção do aumento de um kopec por rubro. Este operário dirá a seus conselheiros de ‘R. Misl’ e ‘R. Dielo’: os senhores procuram intervir com demasiado zelo em assuntos que nós mesmos resolvemos e esquivar-se do cumprimento de suas verdadeiras obrigações. Não é muito inteligente dizer, como os senhores fazem, que a tarefa dos socialdemocratas é imprimir à luta econômica um caráter político; isto não é mais do que o começo, e não consiste nisto a tarefa principal dos socialdemocratas, pois na Rússia, como no mundo inteiro, é a polícia mesmo que começa muitas vezes a imprimir à luta econômica um

caráter político, e os operários por si mesmos aprendem a compreender de que lado está o governo”. Notamos que a acusação dos adversários de Lênin de que dava primazia à propaganda estava a serviço da defesa do economicismo, do espontaneísmo, ou seja, do reformismo.

O conflito entre economicistas e marxistas não se dava, como se vê, em torno da conceituação sobre a função da propaganda e agitação, mas sim em torno da importância decisiva da propaganda para o desenvolvimento da consciência de classe do proletariado tendo por base a agitação. Os economicistas circunscreviam a agitação política ao terreno econômico. Os marxistas, ao contrário, entendiam que era preciso “organizar denúncias políticas que abarquem todos os terrenos. Por essa via, as massas elevariam sua consciência política e ação revolucionária”. A luta em todos os terrenos possibilita a educação classista dos explorados.

Citemos Lênin: “A consciência da classe operária não pode ser uma consciência verdadeiramente política se os operários não estão acostumados a expressar em todos os casos de arbitrariedade e opressão, de violências e abusos de toda a espécie, quaisquer que sejam as classes afetadas; expressar, além disso, precisamente do ponto de vista socialdemocrata e de nenhum outro. A consciência das massas operárias não pode ser uma verdadeira consciência de classe se os operários não aprendem, sobre a base dos fatos e acontecimentos políticos concretos e, além disso, atuais, a observar cada uma das demais classes sociais, em todas as manifestações da vida intelectual, moral e política dessas classes; se não aprendem a aplicar na prática a análise materialista e a apreciação materialista de todos os aspectos da atividade e da vida de todas as classes e grupos da população. Quem oriente a atenção, a capacidade de observação e a consciência da classe operária exclusivamente ou ainda que somente seja de preferência, para ela mesma, não é um socialdemocrata, pois o conhecimento de si mesma, por parte da classe operária, está inseparavelmente ligado à completa clareza não só dos conceitos teóricos ... ou melhor: não tanto dos conceitos teóricos, como

das ideias elaboradas sobre a base da experiência da vida política, em torno das relações entre todas as classes da sociedade atual. Esta é a razão de que sejam tão profundamente nocivas e tão profundamente reacionárias, por seu significado prático, a defesa de nossos economicistas de que a luta econômica é o meio mais amplamente aplicável para incorporar as massas ao movimento político”.

Todo marxista deve estudar e assimilar com máxima atenção a formulação de Lênin de que o trabalho do partido revolucionário combina todos os aspectos da luta econômica e política contra os capitalistas e seu poder. A agitação e propaganda são meios indispensáveis, de forma que se desenvolvem de acordo com os acontecimentos e com a luta de classes. A mais elevada consciência de classe é aquela que não se limita a ver a si mesma e que reconhece a classe inimiga. Há que se observar a poderosa pressão do economicismo contra a luta revolucionária, que se dá em todos os campos e sob a estratégia da revolução social.

Crítica ao terrorismo

No Jornal Massas, nº 524, expusemos a crítica de Lênin ao espontaneismo reformista e a defesa da subordinação da luta por reformas à estratégia de poder do proletariado. Neste Massas 525, exporemos a crítica de Lênin ao terrorismo. No final do século XIX e início do XX, quando Lênin escreve o livro “Que Fazer?”, estavam em voga as ações terroristas, que se chocavam com a tarefa de transformar a socialdemocracia russa em um partido centralizado e dirigente das massas em luta. Tal método praticado por organizações que viam os atentados como o caminho para combater e derrubar o governo autocrático devia ser criticado nos seus fundamentos de classe.

Sem uma clara delimitação, a socialdemocracia estaria sujeita a influências opostas ao marxismo e à estratégia revolucionária. Essa é a razão de Lênin incorporar nas discussões do “Que Fazer?” a crítica ao grupo Svoboda, que se intitulava revolucionário-socialista, mas que pretendia incluir o método do terror individual no programa. Evidenciará a base espontaneísta do terrorismo. Nesse terreno, a fração

economicista da socialdemocracia confluía com o Svoboda. Não apenas era incapaz de se diferenciar como sofria influências do terrorismo. Nota-se que, de um lado, o marxismo se confrontava com o espontaneísmo economicista e, de outro, com o espontaneísmo terrorista, aos quais Lênin denominou de “dois polos opostos da corrente espontânea”.

Nas palavras de Lênin: “Os economicistas e os terroristas contemporâneos têm uma raiz comum, a saber: o culto da espontaneidade, do qual temos falado no capítulo precedente como um fenômeno geral e que agora examinamos sob o aspecto de sua influência no terreno da atividade e da luta política”. Ressaltamos a identificação que Lênin faz do espontaneísmo como “fenômeno geral” e as suas manifestações particulares. Por mais diferenças que tivessem os economicistas com os terroristas, tinham em comum o espontaneísmo como substância de suas políticas. Parece-nos muito importante a seguinte constatação de Lênin: “A atividade política tem sua lógica, que não depende da consciência daqueles que, com as melhores intenções do mundo, exortam ou bem o terror ou bem a imprimir um caráter político à luta econômica em si”.

Observa-se que aqueles que se colocavam pela via do terror individual, portanto, à margem do proletariado, eram intelectuais que provinham da pequena burguesia. Naquela situação, podiam contar com a simpatia de “muitos liberais russos”. Lênin conclui que as contradições do Svoboda refletiam “uma das fases da decomposição e decadência desse círculo tradicional de ideias (pré-socialdemocratas), que tinha sido obrigado a continuar atado ao terror”. Tratava-se de um eco do passado que deveria ser superado pela transformação da socialdemocracia russa em partido revolucionário, marxista, vanguarda do proletariado. Era necessário, portanto, rechaçar a tentativa do Svoboda de “substituir a agitação pelo terror”, que subestimava a atividade “revolucionária das massas”. Essa mesma crítica é dirigida à fração espontaneísta da socialdemocracia.

Tribuno Popular

No jornal *Massas*, nº 525, expusemos as críticas de Lê-

nin ao terrorismo, como método de luta individual, à margem do desenvolvimento político e organizativo da classe operária e de fundo espontaneísta.

Agora, no Massas 526, sintetizaremos a distinção entre o secretário de “tradeunions” (dirigente sindical) e o “tribuno popular”. Lênin atribuía ao militante partidário as características e a função do “tribuno popular”, que não se limitava à luta econômica, à defesa da liberdade sindical e a combater pelo direito de greve, mas que demonstrava os fundamentos da exploração capitalista, as convicções socialistas e a luta do proletariado mundial por sua emancipação. Distintamente do secretário de “tradeunions”, que se atém aos limites do movimento sindical, o “tribuno popular” responde a todos os problemas de todas as camadas sociais que padecem da exploração e da opressão.

A fração da socialdemocracia russa que se apegava ao economicismo e ao espontaneísmo concluía como sindicalistas, ou nos termos de Lênin tradeunionistas. Ao contrário, o “tribuno popular” reúne as qualidades do trabalho teórico, propagandístico, agitativo e organizador. Justamente estas qualidades integradas permitem aos revolucionários atuarem sobre todas as camadas sociais em choque com a exploração capitalista e a sua ditadura de classe. Uma das características do economicismo e do espontaneísmo era a de desprezar a teoria revolucionária como um fator decisivo para a educação política e o desenvolvimento da consciência de classe do proletariado.

Lênin explica de forma viva em sua polémica com os espontaneístas: “Devemos assumir a tarefa de organizar a luta política, sob a direção de nosso Partido, de forma tão múltipla que todos os setores da oposição possam prestar e prestem efetivamente a esta luta, assim como ao nosso Partido, a ajuda de que sejam capazes. Nós devemos fazer dos militantes práticos socialdemocratas dirigentes políticos que saibam dirigir todas as manifestações desta luta múltipla, que saibam, no momento necessário, ‘defender um programa positivo de ação’, aos estudantes em agitação, aos descontentes dos zemstvos, aos membros indignados das seitas, aos mestres atingidos em seus interesses, etc. É

um exemplo contextual de que um militante partidário, na condição de vanguarda revolucionária, intervém em todas as partes, em todas as situações, em todos os problemas, em todos os movimentos e em todas as camadas sociais oprimidas. Esse é o “tribuno popular”, capaz de desenvolver a luta programática do socialismo no seio das massas.

Vejamus uma outra passagem: “Somente o Partido que organize campanhas de denúncias que realmente interessem a todo o povo poderá se converter em nossos dias na vanguarda das forças revolucionárias”.

A formação do “tribuno popular” se dará pelo domínio dos conhecimentos das leis de funcionamento do capitalismo, de seu desenvolvimento e de sua transformação. O que é possível somente no trabalho de construção do partido no seio do proletariado e na luta por dirigi-lo.

Partido centralizado

No jornal *Massas*, nº 526, expusemos a distinção entre o secretário de “tradeunions” (dirigente sindical) e o “tribuno popular”. Agora, no *Massas* 527, exporemos alguns aspectos da concepção leninista do partido.

Lembremos que Lênin tomou por base de sua exposição a crítica aos espontaneístas, que concluíram como tradeunionistas. Desta crítica ao fundamento programático e político, derivou-se a diferenciação entre a concepção marxista e a antimarxista do partido.

Lênin considerou imprescindível que a socialdemocracia se transformasse em uma “organização centralizada destinada a toda a Rússia”, “uma organização que reúna em um só impulso comum todas as manifestações de oposição política, de protesto e de indignação”. Os espontaneístas, ao contrário, lutavam por conservar a socialdemocracia como uma organização formada de círculos independentes, dispersos e, portanto, descentralizada. Lênin os acusava de terem uma visão estreita não só das tarefas políticas como também daquelas que se referiam à organização partidária. A organização centralizada e de alcance nacional seria constituída “por revolucionários profissionais e dirigida por verdadeiros líderes políticos de todo o povo”.

O conceito de organização centralizada e constituída por revolucionários profissionais foi extraído das condições concretas do desenvolvimento da socialdemocracia na Rússia. Embora marcado por essa particularidade, estabelecia as bases teóricas mais avançadas do marxismo sobre o partido revolucionário. O revolucionário profissional é concebido em oposição à militância submetida à organização que vai se formando espontaneamente e de acordo com o trabalho primitivo e artesanal. Está aí por que Lênin analisa cuidadosamente as limitações dos “métodos primitivos de trabalho”, que expressava justamente a militância espontânea e artesanal. É de especial importância a descrição que faz sobre o funcionamento dos círculos socialdemocratas entre 1894 e 1901.

É baseado na experiência da militância dispersa, voluntarista e carente de um plano comum de ação que Lênin estabelece a base do partido centralizado, formado por revolucionários profissionais e munido do método científico de ação. Somente assim é possível dirigir o proletariado e as massas contra o poder dos exploradores. A ideia mais elementar era de que não se pode vencer uma guerra sem que esteja armado.

A atividade crescente das massas e o agravamento da luta de classes já não permitiam conservar as formas do espontaneísmo, a organização pulverizada e os métodos artesanais. Diz Lênin: “Nos círculos dispersos, os revolucionários dispersos não estão unidos, não estão agrupados, não constituem uma organização única, forte e disciplinada, com partes metodicamente desenvolvidas”.

O oposto da dispersão é a disciplina revolucionária. Sem ela não há centralização. Essas condições implicam que o partido do proletariado resulte de uma “seleção rigorosa de seus membros”. Há uma relação intrínseca entre a centralização, a disciplina, a seleção, o revolucionário profissional e o método científico do trabalho político no seio das massas.

Revolucionário profissional

No jornal *Massas*, nº 527, expusemos alguns aspectos

da concepção leninista do partido. Concluimos a exposição com a seguinte síntese: O oposto da dispersão é a disciplina revolucionária. Sem ela não há centralização. Essas condições implicam que o partido do proletariado resulte de uma “seleção rigorosa de seus membros”. Há uma relação intrínseca entre a centralização, a disciplina, a seleção, o revolucionário profissional e o método científico do trabalho político no seio das massas.

Daremos sequência, no Massas 528, às formulações sobre o revolucionário profissional. Lênin identificava como um dos principais fatores da crise que afetava a socialdemocracia russa o “atraso dos dirigentes” diante do crescente movimento espontâneo das massas. Apontava como um erro capital “rebaixar” as tarefas políticas e organizativas “ao nível dos interesses imediatos” da luta econômica do dia-a-dia. Não se tratava de negar as manifestações instintivas do proletariado, mas de transformá-las em luta revolucionária, consciente, contra os opressores. Essa tarefa que cabe ao partido não podia ser cumprida se os revolucionários se adaptassem à espontaneidade das massas. A fração socialdemocrata adepta do espontaneísmo não apenas desprezava a atividade teórica como a combatia em nome da prática.

O despontar do proletariado na luta de classes e a sua confrontação com o Estado policial exigiam uma mudança na socialdemocracia que deixasse para trás o velho economicismo, o culto à espontaneidade das massas e os métodos primitivos de trabalho. O que exigia a transformação da socialdemocracia em um partido de quadros marxistas, que já vinha se forjando nos confrontos com a aristocracia, o czarismo e a impotente burguesia liberal. A noção de revolucionário profissional é extraída por Lênin nestas condições. Eis uma conclusão:

“Precisamente agora é quando o revolucionário russo, dirigido por uma teoria verdadeiramente revolucionária, apoiando-se em uma classe verdadeiramente revolucionária, que desperta espontaneamente, pode finalmente elevar-se em toda sua estatura e despender todas suas forças de gigante”. Para isso, era necessário que a socialdemocra-

cia superasse o empirismo e a aversão à teoria revolucionária. O movimento do proletariado se encarregaria, por meio da experiência, de forjar um destacamento avançado.

Cabe ao partido transformar esse destacamento operário em revolucionários profissionais, que têm a teoria como guia da prática. Eis: “Devemos nos preocupar não apenas que a massa ‘coloque’ reivindicações concretas, mas também que a massa de operários ‘destaque’, em número cada vez maior, estes revolucionários profissionais. Assim, pois, chegamos ao problema da relação entre a organização de revolucionários profissionais e o movimento puramente operário”. Evidentemente, tratava de novas questões organizativas, que envolviam a concepção marxista do partido.

Havia que superar a distinção e separação entre operários e intelectuais, entre aqueles que praticam e aqueles que formulam a política. O revolucionário profissional dava resposta a essa distorção.

De posse do diagnóstico sobre as causas da crise da socialdemocracia russa e da concepção do partido constituído por revolucionários profissionais, Lênin assenta a tarefa de elevar a capacidade dos dirigentes operários. Eis: “Este fato testemunha que nossas obrigações primordiais e imperiosas é contribuir para a formação de operários revolucionários, que, do ponto de vista de sua atividade no Partido, estejam ao mesmo nível que os revolucionários intelectuais (sublinhamos: do ponto de vista de sua atividade no Partido, porque em outros sentidos não é, nem muito menos, tão fácil, nem tão urgente, ainda que seja necessário, que os operários cheguem ao mesmo nível). Por isso, nossa atenção deve se dirigir principalmente em elevar os operários ao nível dos revolucionários e não a descer nós mesmos inevitavelmente ao nível da massa operária, como querem os economicistas, e inevitavelmente ao nível do operário médio, como quer ‘Svoboda’ (que, nesse sentido, passa ao segundo grau da ‘pedagogia’ economicista)”.

Nesse sentido, é dever do partido “ajudar todo operário que se distinga por sua capacidade a se tornar um agitador profissional, um organizador, um propagandista, um

distribuidor, etc. Sem dúvida, as dificuldades para se desenvolver tal objetivo são imensas. A mais terrível está no fato do operário ser consumido na produção. Neste caso, bem específico, Lênin considera a possibilidade de o partido criar as condições básicas de sobrevivência. Assim, é formulado: “Todo agitador operário que tenha algum talento, que ‘prometa’, não deve trabalhar 11 horas na fábrica. Devemos arranjar um modo para que viva por conta do Partido, que possa passar à ação clandestina no momento preciso, que mude da localidade em que atua, pois de outro modo não adquirirá grande experiência, não ampliará seu horizonte, não poderá sustentar-se sequer alguns anos na luta contra a polícia”.

Essa formulação foi indevidamente generalizada como se o revolucionário profissional se caracterizasse por ter seu sustento garantido pelo partido. Há que se observar com rigor que se tratava especialmente de casos particulares de operários capazes de se transformarem em revolucionários profissionais no sentido leninista daquele que dedica toda a sua vida e energia à revolução.

Caráter conspirativo do partido

No Jornal Massas, nº 528, expusemos as formulações de Lênin sobre o revolucionário profissional. Lênin identificava como um dos principais fatores da crise que afetava a socialdemocracia russa o “atraso dos dirigentes” diante do crescente movimento espontâneo das massas. Apontava como um erro capital “rebaixar” as tarefas políticas e organizativas “ao nível dos interesses imediatos” da luta econômica do dia-a-dia. Não se tratava de negar as manifestações instintivas do proletariado, mas de transformá-las em luta revolucionária, consciente, contra os opressores. Essa tarefa que cabe ao partido não podia ser cumprida se os revolucionários se adaptassem à espontaneidade das massas. A fração socialdemocrata adepta do espontaneísmo não apenas desprezava a atividade teórica como a combatia em nome da prática.

Trataremos, agora, no Massas 529, do “caráter conspirativo” do partido revolucionário. Esse aspecto tem a ver

com as condições concretas da luta da socialdemocracia contra o regime czarista, que sobrevivia em grande medida por meio da severa repressão aos explorados e, em particular, à sua vanguarda. Verificamos, no entanto, que essa característica não se esgotou diante da especificidade da Rússia pré-revolucionária e revolucionária. A necessidade de o partido do proletariado ser conspirativo diz respeito à ditadura de classe da burguesia.

Nos termos colocados pelas divergências no movimento político russo da época, Lênin refuta tanto aqueles que negam a necessidade da luta conspirativa quanto aqueles que reduzem a luta política à conspiração. Em outras palavras, refuta aos economicistas, espontaneistas, que se atêm ao democratismo e aos populistas, que se prendem ao terrorismo. O caráter conspirativo é determinado pelas condições da luta de classes. Caso prevaleçam as liberdades políticas, torna-se possível uma ação partidária mais aberta, de forma a aproveitar a luta legal. Extraímos dessa formulação leninista a tática de intervenção clandestina e pública, que sempre estarão combinadas.

Em seu embate contra o democratismo no trabalho revolucionário e contra o conspirativismo das organizações em cuja base está o terrorismo, Lênin chega à seguinte síntese: “O único princípio sério de organização ao qual os dirigentes devem se ater em nosso movimento tem de ser o seguinte: a mais severa discricção conspirativa, a mais rigorosa seleção de filiados e a preparação de revolucionários profissionais. Se se conta com essas qualidades, está garantido algo muito mais importante que o ‘democratismo’, a saber: a plena e fraternal confiança mútua entre os revolucionários.

A natureza revolucionária do partido, que como tal se guia pela estratégia da revolução social, sem dúvida, está obrigado a combinar o trabalho clandestino e aberto no seio do proletariado. Se será mais oculto ou mais aberto depende das condições da luta de classes. Esse fundamento político-organizativo do partido leninista não deve ser tomado isoladamente da concepção geral do partido revolucionário.

Jornal como organizador coletivo

No Jornal Massas, nº 529, expusemos as formulações de Lênin sobre o “caráter conspirativo” do partido revolucionário. Mostrou que a necessidade de o partido do proletariado ser conspirativo diz respeito à ditadura de classe da burguesia. Trataremos, agora, no Massas 531, como último aspecto de nosso estudo sobre “Que Fazer”, da natureza do jornal e a sua função partidária.

A primitiva socialdemocracia não contava com um jornal nacional. Suas atividades se limitavam a publicações locais, em sua maioria na forma de panfletos. Esse trabalho de agitação não dava conta da propaganda. Estava de acordo com o que pensavam os espontaneístas, dedicados agitadores.

A luta de Lênin por constituir um partido centralizado, voltado ao trabalho político em todos os aspectos da vida nacional e em todas as camadas sociais, exigia um jornal distinto das publicações locais. Entendia-o como um instrumento de condução do partido e portador de diretrizes gerais, que permitissem a intervenção centralizada na luta pela direção do proletariado.

Em sua essência concebia o jornal segundo a premissa de que, sem teoria revolucionária, não há prática revolucionária. As denúncias não apenas deviam continuar como também se ampliar, por meio de panfletos e outras publicações locais. Não havia incompatibilidade entre o rico e múltiplo trabalho de agitação com o de propaganda revolucionária. A única condição era de que o jornal não devia se rebaixar ao nível do panfleto fabril. Os acontecimentos diários da luta de classes deveriam “interessar a todos os operários e a todos os dirigentes do movimento”. Isto é, ultrapassaria o interesse local. A generalização da experiência da luta de classes cabe ao jornal nacional. A agitação particular, fabril, fornece elementos para a orientação geral do partido.

Lênin diagnosticava que “o predomínio da imprensa local sobre a central é sinal de penúria ou de luxo. De penúria, quando o movimento ainda não alcançou força para um trabalho em grande escala, quando ainda vegeta dentro

dos métodos primitivos e quase se afoga na pequenez da vida fabril. De luxo, quando o movimento já dominou plenamente a tarefa das denúncias em todos os sentidos e da agitação em todos os sentidos, de modo que, além do órgão central, se fazem necessários numerosos órgãos locais”.

Desse diagnóstico concluía que “a maioria das organizações locais deve pensar, sobretudo, em um órgão destinado a toda Rússia e trabalhar principalmente para ele”. Somente quando essa tarefa estiver cumprida, se poderá estabelecer uma relação indispensável entre o órgão central e os órgãos locais.

Lênin teve de rechaçar a acusação dos espontaneístas que resistiam ao partido centralizado, com um jornal para toda a Rússia. Acusações como a de que estaria negando a luta cotidiana e abraçando a “propaganda de ideias brilhantes e acabadas”. Ou, então, que se pretendia uma propaganda voltada para os operários cultos. Ao que Lênin demonstrava que o partido tinha de trabalhar para superar as limitações dos operários, que se encontravam presos à camisa de força da luta exclusivamente econômica. Apoiou-se na premissa de que as massas em luta aprendem com a ajuda do partido. E que era preciso ajudá-las “a formar os dirigentes da luta, tanto entre os operários cultos, quanto entre os intelectuais” e que “esses dirigentes podem se formar exclusivamente compreendendo de modo sistemático e cotidiano todos os aspectos da nossa vida política, todas as tentativas de protesto e da luta das distintas classes e por diversos motivos”. O jornal nacional é necessário para cumprir esse objetivo.

Em síntese: “O jornal não é somente um propagandista e um agitador coletivo, mas também um organizador coletivo”.

Essa definição do jornal revolucionário está intimamente ligada ao desenvolvimento da luta programática, à propaganda política, ideológica e teórica e à agitação. De maneira que não se trata “de um trabalho de gabinete de pessoas contaminadas de doutrinarismo e literalismo”, mas de um trabalho prático cotidiano voltado a preparar o proletariado para dirigir a revolução. O jornal como orga-

nizador coletivo dá coesão às fileiras do partido e permite a propaganda e agitação coletivas.

Resposta aos ataques dos populistas contra o partido

No Massas 531, concluímos a exposição dos principais aspectos da teoria leninista do partido, contida na obra “Que Fazer?”. Damos continuidade, no Massas 532, apresentando uma das primeiras formulações de Lênin, que consta do livro “Quem são os ‘Amigos do Povo’ e como lutam contra os socialdemocratas”, de 1894. Responde a uma campanha da Revista *Rússkoe Bogatstvo* contra o marxismo. Os populistas atacavam a concepção materialista de história. E deformavam a teoria econômica do socialismo científico, por meio de teorias gerais estereis.

Ao refutar o populismo, caracterizado pelo subjetivismo, Lênin demonstra como o marxismo revela as leis gerais da formação histórica do capitalismo, que como tal permite encontrar as particularidades de sua manifestação nos distintos países. É o que analisa no reconhecimento das transformações capitalistas na Rússia e na sua estrutura de classe. Esta é a base material para a formulação do programa revolucionário, cuja força motriz já era o proletariado, ainda que minoritário em relação às massas camponesas predominantes. Ao refutar o subjetivismo dos populistas, chamados de “Amigos do Povo”, Lênin identifica a aliança entre duas classes distintas, a operária e a camponesa, como forças sociais da revolução democrática e da luta estratégica socialista. O que eram opostas à burguesia liberal. Considera necessário lutar “ao lado da democracia radical contra o absolutismo”, sem, no entanto, deixar de defender que a luta contra suas instituições “somente é necessária como um meio para facilitar a luta contra a burguesia”. Não se podia assim perder de vista que a vitória final é contra a burguesia. O ataque dos populistas ao marxismo expunha a sua degeneração pequeno-burguesa e sua dependência à fração burguesa liberal. É nesse embate com os populistas que comparecem as primeiras formulações leninistas sobre o partido.

Os populistas não admitiam essa posição marxista, mas pleiteavam “ a unificação e a aliança de todos os grupos revolucionários para a conquista da liberdade política”. Lênin os critica por não reconhecerem a necessidade da discussão do programa, uma vez que estava colocada a aglutinação dos “lutadores contra o absolutismo” em torno da construção do partido. Era necessário romper a exclusividade da luta contra o absolutismo, estabelecendo a base socialista do programa.

Nas condições de desintegração do movimento populista, Lênin entendeu como positiva a unificação dos vários agrupamentos desde que se constituísse “um firme programa de reivindicações democráticas que acabasse com os prejuízos sobre o velho excepcionalismo russo”. Eis a formulação completa: “Os socialdemocratas consideram, naturalmente, que a criação de semelhante partido democrático seria um passo positivo, e o trabalho socialdemocrata, dirigido contra o populismo, deve contribuir para isso, deve contribuir para extirpar todo tipo de preconceitos e mitos, para agrupar os socialistas sob a bandeira do marxismo e formar um partido democrático integrado pelos grupos restantes”. Nota-se que Lênin se apoia nas tendências objetivas do desenvolvimento político das massas. Não se opõe ao chamado dos grupos vinculados ao populismo a constituir uma aliança unificadora, mas defende que se dê sobre “um firme programa de reivindicações democráticas”. E que resulte na superação do populismo degenerado pelo “adocicado radicalismo pequeno-burguês”. Outro aspecto da questão é que os socialdemocratas (assim se identificaram por um período os marxistas russos) não podiam participar dessa unificação, uma vez que seu objetivo era o de “organização independente dos operários em um partido operário especial”. Não se tratava para os marxistas de constituir um partido democrático, que como tal não correspondia ao papel histórico da classe operária de lutar pelo socialismo.

O trabalho dos marxistas voltado à criação de um partido que promovesse a “organização independente dos operários”, necessariamente se distinguia por travar o combate

contra a autocracia e à própria burguesia. O que nenhum outro agrupamento poderia cumprir. Nesse trabalho, era fundamental o desenvolvimento da teoria revolucionária, tão negada e combatida pelos populistas. É de inestimável valor a seguinte formulação: “Por mais que ainda haja muito que fazer para a elaboração dessa teoria, os socialistas o farão; isso está garantido pela divulgação entre eles do materialismo, único método científico que exige que todo o programa seja uma formulação exata de um processo real; (...)” . “Ao sublinhar assim a necessidade, importância e magnitude do trabalho teórico dos socialdemocratas, de maneira alguma quero dizer que tal trabalho deva ter prioridade em relação ao trabalho prático; e muito menos que a segundo seja substituída até a conclusão da primeiro”. (...) “De maneira completamente distinta se coloca o problema quando a tarefa dos socialistas está em ser os dirigentes ideológicos do proletariado em sua luta efetiva contra os verdadeiros inimigos e atuais que existem na vida real do presente desenvolvimento econômico e social. Nestas condições, o trabalho teórico e o trabalho prático se fundem em um todo, em um só trabalho que com tanto acerto definiu o velho socialdemocrata alemão Liebknecht (...)”.

(...) “A atividade política dos socialdemocratas consiste em contribuir ao desenvolvimento e organização do movimento operário na Rússia, ao permitir que saia do estado atual de tentativas de protestos, motins e greves esporádicas e privados de uma ideia diretriz, convertendo-o em luta organizada de toda classe operária russa, dirigida contra o regime burguês e tendente à expropriação dos expropriadores, a destruição do regime social baseado na opressão do trabalhador. Na base dessa atividade, está o convencimento, comum aos marxistas, de que o operário russo é o único e natural representante de toda população trabalhadora e explorada da Rússia”. (...) “Está aí por que o operário fabril não é outra coisa senão o representante avançado de toda a população explorada; para que possa cumprir sua função de representá-la em uma luta

organizada e conseqüente, é preciso algo muito distinto que entusiasma-lo com algumas `perspectivas` quaisquer; para isso, é preciso tão somente fazer com que compreenda qual é sua situação, fazer com que compreenda a estrutura do sistema político e econômico que o oprime, a necessidade e inevitabilidade do antagonismo de classe sob esse sistema”. (...) “Conseqüentemente, os socialdemocratas dirigem toda sua atenção e toda sua atividade para a classe operária. Quando seus representantes de vanguarda assimilarem as ideias do socialismo científico, a ideia do papel histórico do operário russo, quando essas ideias alcançarem uma ampla divulgação e entre os operários se criarem sólidas organizações que transformem a atual guerra econômica esporádica dos operários em uma luta consciente de classes, então, o operário russo, colocando-se à cabeça de todos os elementos democráticos, derrubará o absolutismo e conduzirá o proletariado russo (ao lado do proletariado de todos os países), pelo caminho direto da luta política aberta, à vitória da revolução comunista”.

Lênin tinha 24 anos quando escreveu o extraordinário livro “Quem são os `amigos do povo` e como lutam contra os socialdemocratas”. Assentou os primeiros fundamentos do partido revolucionário, lutando contra os populistas. É visível o vínculo entre as novas condições da luta de classes na Rússia, o desenvolvimento do proletariado, a decadência do movimento populista e o surgimento de uma vanguarda que encarnava o marxismo.

Constituir a vanguarda marxista no seio do proletariado

No Massas 532, apresentamos as primeiras formulações de Lênin sobre a questão do partido, que constam do livro “Quem são os `Amigos do Povo` e como lutam contra os socialdemocratas”, de 1894. Trata-se de uma resposta à campanha da Revista Rùsskoe Bogatstvo contra o marxismo. Os populistas atacavam a concepção materialista de história. E deformavam a teoria econômica do socialismo científico, por meio de teorias gerais estéreis. Agora, no

Massas 533, sintetizaremos as principais formulações sobre o partido, que constam do folheto “Tarefas dos Socialdemocratas Russos”, de 1897. Trata-se do enfrentamento de Lênin com os populistas, que se organizavam em torno do grupo *Naródinai Volia* (A Vontade do Povo) e do partido *Naródinai Pravo* (Direito do Povo). O *Naródinai Volia* acabou por se transformar nos socialistas revolucionários. Lênin os rechaça por negarem o marxismo, separarem a luta política contra a autocracia da luta socialista e por adentrarem ao terrorismo. De forma que se chocavam com a tarefa de organizar o partido do proletariado, cujo embrião, nos dizeres do próprio Lênin, era a “União de luta pela emancipação da classe operária”, organizada em Petersburgo, 1895.

Lênin via a necessidade de constituir uma vanguarda revolucionária intimamente ligada ao movimento operário, que despontava como a principal força social de combate a autocracia e de luta pelo socialismo. O folheto “Tarefas dos Socialdemocratas Russos” apregoa o vínculo entre a agitação das reivindicações mais elementares entre os operários e a “propaganda da doutrina do socialismo científico”. Eis:

“A divulgação do socialismo e das ideias da luta de classes entre os operários da cidade desaguará inevitavelmente essas ideias por canais mais pequenos, mais diversos; para isso é necessário que essas ideias deitem raízes mais profundas nos meios mais preparados e contagem a vanguarda do movimento operário russo e da revolução russa. Ao voltar todas suas forças à atuação entre os operários fabris, a socialdemocracia russa está disposta a apoiar os revolucionários russos que, através da prática, chegam a organizar um trabalho socialista baseado na luta de classes do proletariado, sem ocultar para isso, por mínimo que seja, que não são as alianças práticas com outros grupos de revolucionários que podem ou devem conduzir a contrair compromissos ou fazer concessões a respeito da teoria, do programa e da bandeira. Persuadidos de que somente a doutrina do socialismo científico e da luta de classes podem ser, no presente, a teoria revolucionária

que serve de bandeira ao movimento revolucionário, os socialdemocratas russos a propagarão com toda energia, a defenderão das falsas interpretações, se levantarão contra qualquer tentativa de vincular o movimento operário da Rússia, ainda jovem, a doutrinas menos definidas. As considerações teóricas demonstram e a atividade prática dos socialdemocratas confirma que todos os socialistas na Rússia devem transformar-se em socialdemocratas”.

Essa formulação evidencia a necessidade de separar a vanguarda marxista dos populistas (Naródinoe Pravo e Naródinai Volia). Nenhuma concessão deveria ser feita, uma vez que se tratava da constituição do partido do proletariado sobre a base da teoria e do programa revolucionários. A experiência da “União de luta pela emancipação da classe operária” servia de exemplo. Seu trabalho no seio da classe operária de São Petersburgo refletia todo o problema organizativo do movimento operário russo em geral. As colocações de Lênin procuravam generalizar essa experiência. Eis:

“Por acaso não é esta, precisamente, a atividade da “União de Luta pela emancipação da classe operária” de São Petersburgo? Por acaso, essa organização não representa, precisamente, o embrião de um partido revolucionário, sobre a base do movimento operário e que dirige a luta de classe do proletariado, a luta contra o capital e contra o governo absolutista, sem organizar conspiração de nenhuma espécie e extraíndo sua força exatamente da fusão da luta socialista e democrática numa luta de classes, uma e indivisível, do proletariado petersburguês?”

Lênin mostra, assim, que o movimento operário já havia dado passos concretos no sentido de organizar o seu partido revolucionário. Não se tratava, portanto, de uma discussão abstrata e caprichosa. O curso que tomaria o movimento da classe operária dependia, em grande medida, de superar os estágios anteriores marcados pelo populismo.

Partido é o programa

No Massas 533, expusemos as principais formulações sobre o partido, que constam do folheto “Tarefas dos So-

cialdemocratas Russos”, de 1897. Trata-se do enfrentamento de Lênin com os populistas, que se organizavam em torno do grupo *Naródinai Volia* (A Vontade do Povo) e do partido *Naródinoe Pravo* (Direito do Povo). O *Naródinai Volia* acabou por se transformar nos socialistas revolucionários. Lênin os rechaça por negarem o marxismo, separarem a luta política contra a autocracia da luta socialista e por adentrarem ao terrorismo. De forma que se chocavam com a tarefa de organizar o partido do proletariado, cujo embrião, nos dizeres do próprio Lênin, era a “União de luta pela emancipação da classe operária”, organizada em Petersburgo, 1895.

Como se trata de formulações que antecederam a obra “Que Fazer?”, resumiremos, no Massas 534, as colocações de Lênin dos artigos “O Nosso Programa (1899)”, “A nossa tarefa imediata (1899)” e “Tarefas urgentes do nosso movimento (1900)”. É bem explícita a compreensão de que o partido é o programa. Em outras palavras, há uma relação intrínseca entre a concepção marxista do partido, a sua particular organização e o programa que conduz o proletariado à luta pelo poder. A teoria e o seu desenvolvimento alicerçam o programa e este ao se fundir com o movimento da classe operária concretiza a teoria e a enriquece. Os fundamentos teóricos do programa se encontram no socialismo científico de Marx e Engels. A tarefa dos revolucionários começa por assimilá-lo sobre a base da experiência da luta de classes nacional e internacional.

Lênin mostra o cuidado que se deve ter em não estabelecer uma relação mecânica dos fundamentos do socialismo científico com o partido. Eis: “A doutrina de Marx estabeleceu as verdadeiras tarefas de um partido socialista revolucionário: não inventar planos de reorganização da sociedade, nem pregar aos capitalistas e seus serviços a melhoria da situação dos operários, nem tampouco montar conspirações, mas organizar a luta de classe do proletariado e dirigir esta luta, cujo objetivo final é a conquista do poder político pelo proletariado e a organização da sociedade socialista. (...) Não consideramos a teoria de Marx como algo concluído e intangível; pelo contrário, nos

convencemos que ela somente colocou os fundamentos da ciência que os socialistas devem desenvolver em todos os sentidos, se não pretendem ficar para trás na vida. Acreditamos, sobretudo, que os socialistas russos devem desenvolver por si próprios a teoria de Marx, porque essa só fornece os princípios diretivos gerais, que se aplicam em cada caso em particular, na Inglaterra diferentemente da França, na França diferentemente da Alemanha, na Alemanha diferentemente da Rússia”.

No artigo “A Nossa Tarefa Imediata”, Lênin desenvolve a noção de particularidade nacional. Constata pela observação das diversas experiências do movimento operário europeu que não um modelo acabado de construção partidária. De fato, na Rússia, a socialdemocracia se originou de círculos revolucionários, que por um período pôde se desenvolver no seio do proletariado de forma mais ou menos isolados uns dos outros, mas que no final do século XIX já colocavam uma profunda transformação estrutural, deviam dar lugar a um partido centralizado e regido por um jornal que fosse um eficaz porta-voz nacional. No “Que Fazer?”, Lênin vai às últimas consequências na defesa dessa concepção. Em “A Nossa Tarefa Imediata”, coloca: “(...) devemos propor-nos o lançamento do jornal do partido, o seu regular aparecimento, a sua estreita vinculação a todos os grupos locais.” Por essa via, os revolucionários poderiam comparecer perante a classe operária como portadores do programa e da teoria marxista. As lutas locais e isoladas tendem a se generalizar e se transforma em luta política contra o Estado e seus opressores. A “luta espontânea” dos explorados deve se tornar em luta por “objetivos políticos e socialistas definidos”, para isso é preciso o partido centralizado, coeso e capacitado a se defender dos ataques dos exploradores.

Um ano depois, Lênin, no artigo “Tarefas Urgentes do Nosso Movimento”, dará maior ênfase e precisão a essa formulação: A socialdemocracia é a fusão do movimento operário e do socialismo. O seu papel não é o de servir passivamente o movimento operário em cada uma das suas fases, mas o de expressar os interesses do conjunto do

movimento operário, de lhe apontar o seu alvo final, os seus objetivos políticos, de salvaguardar a sua independência política e ideológica. Desligado da socialdemocracia, o movimento operário degenera e transforma-se, por força, num movimento burguês: ao sustentar exclusivamente a luta econômica, a classe operária perde sua independência política, torna-se em apêndice dos outros partidos e atraiçoa a mais elevada bandeira – “A emancipação da classe operária deve ser obra dos próprios trabalhadores”.

Lênin reporta-se ao Primeiro Congresso do POSDR de 1898, realizado em Minsk, para assinalar que se devia cumprir a tarefa de formulação do programa, da organização e da tática. Em especial, a questão da organização comparecia como o grande obstáculo para o desenvolvimento da luta revolucionária. Entendia que havia uma lacuna que não permitia à jovem geração de revolucionários superar os condicionamentos dos velhos militantes que resistiam em mudar os métodos organizativos. Faz uma das primeiras formulações sobre a natureza da militância, sua relação com o movimento operário e sua encarnação do programa e da tática. Assim formula: Há que formar os homens que não só consagram à revolução os seus tempos livres, mas toda sua vida; há que levantar uma organização tão considerável que possa aplicar uma rigorosa divisão do trabalho aos aspectos distintos da nossa atividade.

As formulações do período que vai de 1894 a 1900, na forma de livro, folheto e artigo, preparam o caminho da obra que cercará o problema por todos os lados que a situação do movimento revolucionário russo exigia, que é “Que Fazer?”

“O Estado dos operários e a semana do partido”

Para concluir a sequência, publicaremos, no Massas 536, um texto integral intitulado “O Estado dos operários e a semana do partido”. Foi escrito em 11 de outubro de 1919. Como se vê, há um ano da Revolução Russa. A “semana do partido” foi uma atividade que resultou de uma resolução do VIII Congresso do Partido Comunista da Rússia. O objetivo era o de ingressar novos militantes em suas fileiras. Sua realização se deu em um momento difícil por que passava a revolução. As forças contrarrevolucionárias russas procuravam enfraquecer o Estado Soviético e destruí-lo; por outro lado, havia a intervenção militar do imperialismo. De 10 a 17 de agosto, teve lugar em Petrogrado a 1ª Semana do partido, a 2ª Semana, entre outubro e novembro de 1919. Em Moscou, foi realizada de 20 a 28 de setembro.

Lênin escreve esse manifesto demonstrando preocupação com a possibilidade de se abrir as portas do partido para oportunistas e arrivistas. Nota-se que Lênin não se descuidava em nenhum momento em preservar e desenvolver a teoria marxista do partido. A questão aparecia tanto no período anterior à revolução, quanto no período posterior de transição do capitalismo para o socialismo,

evidentemente diante de novos acontecimentos e exigência da situação. Segundo a nota das Obras Completas, tomo XXXII, o manifesto foi publicado somente em outubro de 1922, no Pravda, n° 228. Nossa tradução se baseia no texto das Obras Completas.

O Estado dos operários e a semana do partido

“A Semana do partido em Moscou coincide com um momento difícil para o poder soviético. Os triunfos de Denikin deram lugar a uma desesperada intensificação de conspirações planejadas pelos latifundiários, capitalistas e seus amigos, e a novos esforços da burguesia para semear o pânico e minar por todos os meios a seu alcance a firmeza do poder soviético. Os pequenos burgueses instáveis, vacilantes e politicamente atrasados, e com eles a intelectualidade, os socialistas revolucionários e mencheviques, se tornaram, como de costume, mais vacilantes que nunca e foram os primeiros a se deixarem intimidar pelos capitalistas.

Mas acredito que o fato de que a Semana do partido, em Moscou, coincida com estes momentos difíceis, é algo que nos favorece, uma vez que resulta positivo para a causa. Não necessitamos de uma Semana do partido para fins de exibição. Não queremos, nem como presente, filiados fictícios ao partido. Nosso partido, o partido da classe operária revolucionária, é o único partido governante do mundo que se preocupa, não em aumentar o número de seus filiados, mas em melhorar sua qualidade, limpar suas fileiras de “oportunistas”. Mais de uma vez, temos realizado uma reinscrição dos membros do partido para nos livrar desses “oportunistas” e deixar no partido somente os elementos politicamente conscientes e sinceramente fieis ao comunismo. Também temos aproveitado as mobilizações para a frente e os “sábados” para limpar o partido daqueles que somente andam “à caça” de vantagens que supõem pertencer a um partido governamental, e não querem arcar com o peso de um trabalho sacrificado em prol do comunismo.

E agora, quando se leva a cabo uma intensa mobilização para a frente, a Semana do partido é conveniente, porque

não oferece nenhuma tentação para os oportunistas. Abrimos amplamente as portas do partido somente aos operários de base e aos camponeses pobres, os camponeses que trabalham, mas não aos camponeses especuladores. Não prometemos, nem damos a esses filiados de base nenhuma vantagem por se incorporar ao partido. Pelo contrário, sobre os filiados do partido recai agora um trabalho mais duro e mais perigoso que o habitual.

Tanto melhor. Desse modo, somente se incorporarão ao partido os partidários sinceros do comunismo, somente as pessoas que se entregam conscientemente à causa do Estado operário, somente os trabalhadores honestos, somente os autênticos representantes das massas que foram oprimidas sob o capitalismo.

Estes membros e somente estes são os que necessitamos no partido.

Necessitamos novos membros do partido, não para fins de publicidade, mas para realizar um trabalho sério. Essas são as pessoas que convidaremos a ingressar no partido. Aos trabalhadores, abrimos de par em par as portas do partido.

O poder soviético é o poder dos trabalhadores que lutam pela total derrubada do jugo do capital. Quem primeiro se incorporou nesta luta foi a classe operária das cidades e centros fabris. Obteve a primeira vitória e conquistou o poder estatal.

A classe operária ganhou a maioria dos camponeses. Do lado do capital, do lado da burguesia, somente estão os camponeses aproveitadores, os camponeses especuladores, mas não os camponeses que trabalham.

Os operários de Petrogrado, os mais avançados, os de maior consciência política, são os que mais contribuíram com a tarefa de governar a Rússia. Mas sabemos que entre os operários e camponeses de base há muitas pessoas fieis aos interesses das massas trabalhadoras e capazes de desempenhar o trabalho de dirigir. Há entre eles muitos com talento de organizadores e administradores, a quem o capitalismo não deu nenhuma oportunidade e a quem

estamos ajudando e devemos ajudar por todos os meios a se destacar e empreender a tarefa de construir o socialismo. Não é fácil descobrir estes novos talentos, modestos e iniciantes. Não é fácil incorporar às tarefas do Estado os operários e camponeses de base, que durante séculos foram esmagados e atemorizados pelos latifundiários e capitalistas.

Mas é preciso realizar esta difícil tarefa, deve ser realizada, para extrair mais profundamente novas forças da classe operária e do camponês trabalhador.

Camaradas, operários apartidários e camponeses trabalhadores, incorporem-se ao partido! Não lhes prometemos em troca disso nenhuma vantagem; os chamamos a um trabalho duro e difícil, o trabalho de organizar o Estado. Se vocês são sinceros partidários do comunismo, ponham mãos à obra com toda audácia, não temam o novo, nem as dificuldades que possam encontrar, não se deixem desanimar pelo velho preconceito de que somente aqueles que receberam educação oficial podem realizar esta tarefa. Não é verdade. Os operários de base e os camponeses trabalhadores podem e devem, em número cada vez maior, dirigir as tarefas da construção do socialismo.

A massa de trabalhadores está conosco. Ali está nossa força. Ali está a fonte da invencibilidade do comunismo mundial. Cada vez mais novos trabalhadores surgidos das massas para engrossar as fileiras do partido, para participar com independência na construção da nova vida: esse é nosso método de combater com todas as dificuldades, este é o nosso caminho à vitória!



Escreva para Caixa Postal 630 - CEP 01059-970 - São Paulo
www.pormassas.org
